

# CIMEIRA NÃO BLOQUEIA ROMA

1-43/92 (Roma) O chefe da delegação da Renamo às conversações de Roma, Raúl Domingos, disse ontem ao "mediaFAX" que "o processo negocial com o governo moçambicano vai continuar a decorrer na capital italiana, não obstante o encontro previsto entre o presidente Chissano e o líder do movimento armado, Afonso Dhlakama.

Raúl Domingos disse que há questões de pormenor e aspectos técnicos que terão de ser acordados em Roma, uma vez que Chissano e Dhlakama vão discutir aspectos ligados às garantias.

O chefe dos negociadores da Renamo disse esperar que o encontro entre os dois líderes permita acelerar o processo de paz para Moçambique. "O líder da Renamo, ao solicitar este encontro tem em vista precisamente acelerar a paz para o nosso país porque sente que o processo negocial está muito demorado", observou Domingos.

O negociador da Renamo considera que as conversações de Roma não serão prejudicadas pela perspectiva a curto prazo de uma reunião cimeira, situação referenciada insistentemente por observadores nos últimos dois dias, posteriormente à declaração de Chissano em Harare aceitando o "frente a frente" com Dhlakama.

"As discussões em Roma vão continuar normalmente. O presidente Dhlakama tomou uma iniciativa precisamente para ajudar o processo de diálogo em Roma", disse Domingos.

Considera infundados os temores sobre a sugerida subalternização de Roma. Categórico, diz que o processo negocial se vai decidir na capital italiana. "Tem uma agenda a cumprir e só depois de esgotá-la é que será assinado o cessar-fogo. E, naturalmente que essa agenda será esgotada em Roma", garante Domingos.

Indirectamente, as afirmações de Domingos pretendem colmatar algum nervosismo patente nos mediadores que olham para os encontros sucessivos de Gaborone e Harare como "diplomacia paralela" potencialmente perturbadora dos "caminhos convergentes em direcção a Roma".

Esclarecendo a via seguida, Domingos disse que a escolha do presidente zimbabweano se deve ao facto de Mugabe ter grande influência junto do governo moçambicano e do presidente Chissano.

"É preciso ter em conta que Moçambique se mantém em pé graças ao apoio das tropas do Zimbábwe estacionadas no país".

22.7.1992  
MEDIAFAX

O negociador da Renamo acredita que do encontro cimeiro sairá a confiança necessária para se ir ao cessar-fogo com garantias de que não haverá represálias no futuro, nem perseguições políticas.

"O nosso presidente pretende garantias de que não haverá perseguição logo após o cessar-fogo. Perseguição aos seus colaboradores directos e aos militares da Renamo", afirmou ao "mediaFAX".

Na cimeira, o líder do movimento armado pretende assegurar também que a oposição em geral que existe em Moçambique não seja hostilizada e tentará ultrapassar com Chissano questões controversas como partes do articulado constitucional e outras garantias não especificadas por Domingos.

A Renamo considera que certas garantias só poderão ser dadas ao mais alto nível, ao nível de chefe de Estado. O optimismo da evolução dos contactos em Roma contrasta no entanto com uma grande reluctância que ambas as partes demonstram em pronunciar-se sobre os progressos alcançados nos debates sobre os temas militares.

Armando Guebuza, o negociador governamental disse ao "mediaFAX" não haver novos dados, nem desenvolvimentos, enquanto Domingos referiu uma síntese dos mediadores sobre as posições assumidas pelas duas delegações.

Ele adiantou que persistem algumas diferenças de conceitos e de posições, "mas o trabalho está a continuar.

Segundo o negociador da Renamo, está a ser preparado um documento expondo as diferenças entre as partes e a forma como estas podem ser sanadas.

Domingos disse que o governo pretende incorporar no acordo uma cláusula sobre "os seus militares que estão a estudar fora do país". Também voltaram a falar sobre a segurança nos "corredores" logo após o cessar-fogo. Para Domingos, embora o governo não o tenha afirmado taxativamente, ficou-se com a suspeita "de que eles querem a continuação das tropas zimbabweanas, mesmo depois do acordo de paz". É uma suspeita, disse.

Não foi possível ao "mediaFAX" confrontar a delegação governamental sobre as questões colocadas pelo negociador da Renamo.